



REPRESENTAÇÕES DE UNIVERSITÁRIOS SOBRE VALORIZAÇÃO DAS CULTURAS DAS CIVILIZAÇÕES

Suely A. do N. Mascarenhas¹

Zuíla Guimarães Cova dos Santos²

Daniel Daniel Nivagara³

Adrián Cuevas Jiménez⁴

RESUMO

Sabemos que justiça é assegurar a cada ser humano o que lhe pertence - soberania, liberdade, dignidade. A valorização e reconhecimento das culturas e fronteiras que nos unem como família humana são extremamente importantes para o bem comum de todos. Historicamente o imperialismo econômico, fundamentado na política de colonização, articulado ao longo de milênios, insiste em tentar oprimir e extorquir do ser humano o que lhe faz humano: o tempo (vida), a soberania, a criatividade e a liberdade. Historicamente fracassou e continuará a fracassar. Pois, o ser humano, por sua consciência e dignidade, mesmo sob grillhões jamais perde sua essência: liberdade, soberania, liberdade, criatividade, criticidade, força e poder. Este artigo, realizado ao abrigo do PROCAD/AMAZONIA, CAPES/UFAM/UFMT/UFPA (Ref. Proc. 8881.314288/2019-0), objetiva apresentar e discutir representações de universitários sobre a valorização do conjunto de culturas historicamente existentes nas sociedades onde se inserem. Participaram desta fase da investigação n=881 universitários do sexo masculino e do sexo feminino, integrantes de diferentes universidades de países de língua portuguesa e espanhola. A participação foi voluntária e anônima por meio da resposta ao instrumento de coleta de dados divulgado pela internet. O tratamento foi realizado com apoio do Excel e SPSS de acordo com os objetivos da pesquisa. Os resultados demonstram diferentes representações sobre o fenômeno da valorização das culturas dos territórios colonizados evidenciando a importância da ampliação dos debates e diálogos associados ao impacto dos eventos históricos sobre os indicadores de bem estar das diferentes sociedades que integram a família humana.

Palavras-chave: representações, cultura, colonialismo, liberdade, soberania, justiça social.

ACADEMIC STUDENTS REPRESENTATIONS ABOUT APPRECIATION OF CULTURES IN GENERAL CIVILIZATION.

ABSTRACT

Its known that justice is ensuring to every human being what it belongs – sovereignty, freedom, dignity. The appreciation and reconnaissance of the cultures and borders that

¹ Universidade Federal do Amazonas- E-mail: suelyanm@ufam.edu.br

² Universidade Federal do Amazonas, Email: zuilagc@gmail.com

³ Universidade Nacional Pedagógica de Moçambique, Email: maputodanivagara2000@yahoo.fr

⁴ Universidade Nacional Autónoma de México Email: cuevasjim@gmail.com



connect us as a human family are extremely important for the common good of all. Historically the economic imperialism, based in the colonialization policy, articulated of millennia, it insists in trying to overwhelm and extort from the global citizens what it needs: lifetime, sovereignty, creativity and freedom. This economic system has failed over the years and will continue to fail. The human being, by its consciousness and dignity, even under shackles will never lose its essence: freedom, sovereignty, creativity, criticism, strength and power. This article, made real by the contribution of PROCAD/AMAZONIA, CAPES/UFAM/UFMT/UFPA (Protocol 88881.314288/2019-0), aim to show and discuss academic students representation over the appreciation of the cultural groups that exist historically in the societies where they belong. At this level participated n=881 academics students both male and female genders, parts of universities from different countries of Portuguese and Spanish language. They participated as volunteers and anonymously by a questionnaire used as an instrument of data collection released by the internet. The treatment was realized with the support of Excel and SPSS softwares according to the researched object. The results showed different representations about the appreciation phenomena of cultures from colonized territories, highlighting the importance of broadening the debates and dialogues associated to the impact of the historical events on the welfare indicators of different societies that integrates the human family.

Keywords: representations, culture, colonialism, freedom, sovereignty, social justice.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo apresentar representações de universitários de diferentes países sobre a valorização das culturas de seus territórios colonizados na perspectiva de fortalecer o diálogo sobre a necessidade de valorização das culturas em geral na convivência social.

Nossa consciência intuitiva nos ensina e não nos deixa esquecer jamais, que todos/as somos descendentes das civilizações milenárias que povoaram e povoam o Planeta Terra. Somos iguais em origem, dignidade, soberania, liberdade. Somos seres humanos integrantes de diferentes povos e culturas. Pertencemos às civilizações e culturas que habitam o planeta terra há milênios. Somos parte da humanidade. Todas civilizações igualmente ricas e importantes. Independentemente de grupos que historicamente tentaram e tentam impor suposta “superioridade” de algumas culturas, povos e civilizações nos currículos das escolas, que por essa razão se tornam: colonizadas, racistas, classistas e imperialistas porque a todos/as obrigam e obrigaram a frequentar e esquecer suas raízes culturais e ancestrais impondo a cultura dos colonizadores.

Como seres humanos, organizados em sociedades próprias, as sociedades estiveram vivendo com relativa qualidade de vida e bem estar até meados do século XV, antes do processo político e históricos de colonização, escravização e



subjugação sistemática de povos com menor potencial bélico e valores diversos. Processo de colonização promovido por povos com tecnologias bélicas mais avançadas especialmente do território europeu. (GROSFOGUEL, 2016)

Povos europeus principalmente, que diretamente por cinco séculos pilharam os territórios invadidos e promoveram uma ideologia racista, colonialista, imperialista e eurocêntrica, ideologia que, na atualidade, gradativamente, vem sendo desvelada para vergonha de seus criadores que se beneficiaram direta ou indiretamente dos frutos do trabalho de pessoas escravizadas por séculos no processo de acumulação que hoje explica as diferenças econômicas, em termos de bem estar e conforto material entre os continentes. Diferenças de bem estar social que favorecem as sociedades que colonizaram e desfavorecem as sociedades das civilizações colonizadas selvagemmente. Não há lucro sem expropriação. As sociedades que historicamente foram colonizadoras, na atualidade possuem um padrão de vida e bem estar conquistado por séculos de escravização e pilhagem dos povos e civilizações dos territórios invadidos e colonizados entre os séculos XV e XX. (BALLESTRIN, 2013; CASANOVA-GONZÁLES, 2015; CASTRO, 2001; FANON, 2010; GROSFOGUEL, 2016; LEÓN-PORTILLA, 2006; MASCARENHAS, 2019; RODNEY, 1981; TRUEBA, 2009; VILLEGAS, 2019)

Tais territórios e civilizações, apesar da independência formal, em grande medida ainda não lograram a independência de fato. Sustentam um sistema econômico de transferência contínua de riquezas dos territórios das ex- colônias para os territórios dos países colonizadores. Há um processo imperialista na forma de exploração das riquezas principalmente minerais que enriquecem os países colonizadores favorecendo seus indicadores econômicos/financeiros e de bem estar social. e por outro lado, desfavorecem as sociedades de onde os recursos são explorados e exportados por preços abaixo de seu valor deixando para as sociedades exploradas principalmente na América Latina e África, os danos ambientais e baixos salários pagos aos trabalhadores fato que os assemelham à condição de escravização.(BALLESTRIN, 2013)

O atual desastre social e civilizatório vivido pela humanidade demonstra que o mundo não vai bem. Põe em risco a sobrevivência e o bem estar de todos os seres humanos. Do ponto de vista da existência há evidências científicas de que todos os seres humanos possuem a mesma origem e tempo de existência no planeta terra.



Daí todos possuem igual origem e competência para sobreviver e desenvolver suas capacidades e potencialidades em todo os territórios que ocupam na face do planeta soberanamente. Ao longo dos milênios nossos ancestrais desenvolveram suas habilidades e capacidades nos diferentes territórios nos quais se instalaram desenvolvendo suas culturas e formas de organização social (RODNEY, 1981)

A sobrevivência e existência são os determinantes do comportamento humano e contribuíram para o desenvolvimento de diferentes culturas e tecnologias que asseguram a sobrevivência digna e o bem comum. O estatuto de pessoa é a essência da identidade de todos os integrantes da sociedade humana. A liberdade geradora da criatividade é a característica essencial individual que toda pessoa soberana possui por sua condição e dignidade. Fato não negociável. É um princípio que caracteriza a condição humana. Tal fato torna vergonhoso o processo histórico que lançou grande parcela da humanidade ao sistema de escravização que polariza (colonizados x colonizadores por um lado burgueses x trabalhadores por outro), esse sistema econômico e político desumano adocece e maltrata a vida e o bem comum. Vida e bem comum tanto das pessoas em geral como do ambiente natural do planeta que é a casa de todos os seres, inclusive os humanos. (GROSFOGUEL, 2016)

Entendemos que por não estarem em um ambiente social que valorize sua condição humana essencial: liberdade, criatividade, soberania, poder negando o acesso aos bens e direitos sociais básicos para uma vida digna, elevada parcela da sociedade está doente ou adoecendo. Temo um ambiente adoecedor que não assegura a todos o direito ao acesso às condições materiais mínimas para o desenvolvimento de suas capacidades e potencialidades. (MASCARENHAS, 2019)

Desse ambiente social que nega as identidades, potencialidades e capacidades humanas em sua diversidade, entendemos que pode ser a origem do elevado número de pessoas com problemas emocionais, depressão, suicídios pois não vêm nesse sistema perverso que mata a criatividade, a autonomia, a dignidade da pessoa humana o apoio e incentivo para que desenvolvam suas capacidades e potencialidades humanas, seu potencial, suas aspirações individuais. Lhes é imposto um currículo escolar injusto, que nega sua humanidade, sua história milenar e tentam transformar a todos em servos da tecnologia e do mercado financeiro. Vendem ou impõe a todos/as o desejo de ser rico, milionário. De competir não de



cooperar. De acumular não de partilhar. De desagregar, não de agregar. De classificar, não de acolher e integrar a todos na sua unicidade e seu valor. (SEN, 2010)

Quando histórica e culturalmente, o ambiente social onde a pessoa se insere não lhe assegura o reconhecimento e valorização da origem igualitária, soberana e liberdade inerentes à condição humana por um lado, e por outro lado, não assegura as necessárias condições ambientais para o pleno desenvolvimento de suas capacidades e potencialidades, limita sua liberdade de realização pessoal e social, torna-se um ambiente socialmente injusto pois não assegura a cada um o que lhe pertence por direito natural de existência no planeta. (SEM, 2010)

Com o processo político e econômico da colonização há aproximadamente há 600 (1450-2019, DC) anos, efetivou-se de modo sistemático o processo truculento e selvagem de escravização de integrantes dos povos de territórios fora do continente europeu especialmente originados da África e América. De forma selvagem, ocorreu a invasão de povos europeus aos territórios “descobertos” da África e América para colonização (colonização: ocupar, dominar, destruir a cultura original no território invadido. Impor a cultura do colonizador no território colonizado: língua, religião, culinária, vestuário, modo de habitação, etc). E, por outro lado, o ambiente limitador do desenvolvimento das capacidades, potencialidade e bem comum tende e expulsar as pessoas que partem em busca das condições para sua realização humana nesta existência. Daí os fenômenos das migrações e imigrações, dos choques e encontros de culturas. (SEN, 2010)

Nos últimos 600 anos, a enfermidade de enriquecer e dominar está contaminando o planeta e os seres humanos. O sistema capitalista se atreve e tem o cinismo de rotular os seres humanos com “capital humano”. Um absurdo! Cada pessoa é única. Tem valor e dignidade. Não tem preço. Essa “enfermidade” que está sendo imposta pelo sistema capitalista de desenvolver: “capital humano”, “capital educacional” e outros “capitais”, no interesse de segmentos exploradores da energia humana, obriga crianças, jovens e mesmo pessoas idosas a desperdiçarem a vida em bancos de escolas eurocêntricas, imperialista, colonialista e racistas (de onde somente até 10% dos egressos que finalizarem a educação formal até a universidade serão inseridos satisfatoriamente no sistema econômico dominado por tecnologias computacionais e robôs). Escolas cujos currículos ignoram as culturas e



realidades históricas e culturais dos povos que tiveram seus territórios invadidos a partir do século XV. Escolas com currículos injustos que negam, silenciam, ignoram, tornam invisíveis as ricas e maravilhosas origens milenares das culturas das civilizações (Lakota, Guarani, Tolteca, Maya, Inca, Asteca, Mexica, dentre outras no território atualmente conhecido como “América” e as civilizações Egípcia, Axun, Benin, Gana, Nok, Cuiche, Ballana, Songai, Punt, Zulu e Cartagena, dentre outras no território da África) de seus ancestrais por um lado. (GROSFOGUEL, 2016; LEÓN-PORTILLA, 2006; MASCARENHAS, 2019; RODNEY, 1981; SEN, 2010)

Constatamos por outro lado, a imposição de um currículo escolar imperialista, eurocêntrico, colonialista, racista, imperialista e classista em todas as esferas (da educação infantil ao ensino superior). Um currículo que impõe a civilização europeia, principal responsável pela condução sistemática, intencional e organizada da colonização (selvagem) de todos os continentes como se sua cultura tivesse o direito de fazer o que fez - um holocausto sem precedentes na história humana - crime de lesa humanidade (pelas atrocidades e genocídio contra as civilizações invadidas. (LEÓN-PORTILLA, 2006)

As feridas e cicatrizes da violência do processo de colonização que obrigou a adoção da língua, religião, culinária dos povos invadidos, subjugados (independência formal x independência real, independência de hino e bandeira) ainda são sentidas no corpo emocional fragilizado, no espírito magoado, que resiste pois é soberano, livre, criativo e forte. (FANON, 2010)

O processo dialético que caracteriza o movimento contínuo está em curso. A História como criação humana não se acaba está dialeticamente em movimento e evolução, A dialética e gradativa tomada de consciência de cada ser humano acerca da sua essência soberana, liberdade e criatividade sem o que não pode ser humano se fortalece e nos deixa a certeza de que dias melhores estão sendo construídos em cada consciência humana e todos os impérios ruirão. A liberdade e soberania prevalecerão. A justiça de dar a cada um o que lhe pertence está em processo de construção. (FANON, 2010; GROSFOGUEL, 2016)

Entendemos que diante dos fatos e impacto sobre a autoestima e identidade geral, os sistemas escolares de todos os países precisam rever os currículos e ensinaram a verdade sobre as culturas. Todos os povos e civilizações são importantes e têm o seu valor e dignidade na constelação das civilizações. Todas as



peças são descendentes de civilizações importantes. Suas culturas fazem parte das culturas da humanidade e devem ser incluídas e valorizadas no contexto dos currículos escolares, das ciências e tecnologia em geral. Os livros didáticos precisam retratar o valor e dignidade de todas as culturas e civilizações integradas pelos diferentes povos do conjunto da família humana. Desconstruir o currículo eurocêntrico, imperialista, racista e classista que ainda é observado no sistema escolar da educação infantil ao ensino superior e formação profissional em geral (BALLESTRIN, 2013)

Neste trabalho, parte de uma investigação mais ampla, temos como propósito apresentar e discutir o fato de que as culturas das civilizações originárias não são objeto de estudo nos currículos escolares em geral. O que se configura com desrespeito aos ancestrais de todos os povos, podendo fragilizar a identidade, autoconceito e autoestima dos integrantes das culturas silenciadas, excluídas da historiografia e dos currículos que frequentam os bancos escolares das escolas com currículo eurocêntrico, racista, imperialista, colonialista de lesa humanidade (MASCARENHAS, 2019)

A pesquisa desenvolvida na perspectiva da meta epistemologia de contexto considerando a tradição histórico cultural e complexidade assume que não há neutralidade nos comportamentos humanos por um lado, e por outro que a subjetividade social impacta e determina a subjetividade e identidade individual. Daí não ser possível refletir sobre a ação humana individual ou coletiva, sem incluir aspectos históricos e culturais que constituem a essência da cultura e do comportamento social em geral. Contamos com uma rede de pesquisadores que em alguma medida possuem visões de mundo e aspirações voltadas para o bem comum e que acreditam na importância do sistema escolar resgatar a verdade histórica e valorizar o fortalecimento das culturas em geral como produções milenares de nossos ancestrais.

A pesquisa possui diversas dimensões e perspectivas. Para este artigo selecionamos resultados quantitativos e qualitativos que demonstram como universitários (docentes, estudantes e técnicos) representam individualmente a valorização das culturas pelo sistema escolar e a sociedade em geral. (MASCARENHAS, 2019)



2 PARTICIPANTES

Participaram desta fase da investigação n= 881 pessoas. Sendo n=271, 30,8% do Brasil, n=409, 46,4% do México, n=11, 1,2% da Espanha, n= 7, 0,8% de Portugal, n=67, 7,6% de Moçambique, n=30, 3,4% da Bolívia, n=2, 02% da Colômbia, n=34, 3,9% da Venezuela, n=48, 5,4% da República Dominicana e n=2, 02% de outros países.

Na primeira fase da investigação longitudinal participaram 29 instituições de ensino superior. Sendo: Universidade Federal do Amazonas, UFAM, Brasil com n=70, 7,9%; Universidade Federal de Rondônia/UNIR-Brasil, n=45, 5,1%; Universidade Federal de Mato Grosso/UFMT-Brasil, n=19,2,2%; Universidade Federal do Oeste do Pará/UFOPA-Brasil, n=27, 3,1%; Universidade Federal de Pernambuco/UFPE-Brasil, n= 47, 5,3%; Universidade La Salle, Manaus – Brasil, n=45, 5,1%; Universidade Nacional Autónoma de México/UNAM – México, n= 385, 43,7%; Universidade La Coruña/UDC – Espanha, n=10, 1,1%; Universidade Pedagógica Nacional/UNP- México, n= 26, 3,0%; Universidad Externado de Colômbia, Colômbia, n=2, 0,2%; Universidad de La Amazonia Boliviana - UNAB, Bolívia, n=1, 01%; Universidad Gabriel René Moreno, Santa Cruz de La Sierra, Bolívia, n=29, 3,3%, Universidad Pedagógica Externado Libertador, UPEL, Venezuela, n=35, 4,0%; Universidad do Algarve, Faro, Portugal, n=2, 0,2%; Universidade Pedagógica de Moçambique, n=39, 4,4%; Universidade de Licurgo, Moçambique, n=16, 1,8%; Universidade Federal de São Paulo, Brasil, n= 1, 0,1%; Universidade de Aveiro, Aveiro, Portugal, n=1, 0,1%; Universidade de Lisboa, Portugal, n=1, 0,1%; Universidade do Porto, Portugal, n=1, 0,1%; Uninorte, Manaus, Brasil, n= 1, 0,1%; Universidade Nilton Lins, Manaus n=2, 0,2%; UEM, Moçambique, n=1, 01,%; Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil, n=1, 0,1%; Universidade Federal do Pará, n=14, 1,6%; Universidade Pedagógica de Maputo, Moçambique, n=8, 0,9%, Universidad Frederico Henriques y Carvajal, República Dominicana, n=58, 5,4%; UNISAVE, Brasil, n=2, 0,2%; Instituto Superior de Psicologia Aplicada - ISPA, Portugal, n=2, 0,2%.

Dentre as universidades participantes a maioria são do Brasil, tivemos ainda a participação de universidades de Moçambique, Portugal, Espanha, Venezuela, Colômbia, Bolívia e República Dominicana.



Nas próximas fases da investigação longitudinal em curso desejamos ampliar a participação de universidades de Portugal e Espanha considerando sua importância para a realidade da subjetividade social dos países que por eles foram colonizados por mais de 300 anos.

Entendemos que essa variável histórica exerce impacto importante sobre a subjetividade social das sociedades alvo do processo de colonização que impactou sobre as culturas, a auto-estima e o auto conceito das sociedades envolvidas. Precisamos dialogar sobre esse fenômeno e seus impactos sobre o bem estar das sociedades envolvidas.

Quanto ao tipo de instituição de ensino superior participante nesta primeira fase da investigação, registramos n=788, 88,3% dos participantes são vinculados a instituições públicas e n=103, 11,7% a instituições particulares.

Quanto à modalidade de curso ou carreira à qual os participantes estão vinculados, destacamos que n=699, 79,3% à modalidade presencial, n=11, 1,2%, participantes à modalidade semi-presencial e n=171, 19,4% à EAD.

No que se refere à categoria de participantes da investigação registramos nesta primeira fase n=711 estudantes, 80,7%; n=106 docentes, 12,0% e n=64 técnicos, 7,3%.

Dentre os participantes n=599 são do sexo feminino 63,5% e n=322 do sexo masculino 36,5%. Idades entre 18 e 70 anos, \bar{M} = 30,6; \underline{DP} =12,17.

No que se refere à identidade étnica, n=175 dos participantes identificam-se como brancos 19,9%; n=111 como negros, 12,6%, n=554 como mestiço/pardo 62,8% e n=42, 4,8%, como integrantes dos povos primeiros no território, classificados pelo Estado como “indígenas” em função da forma como Colombo os denominou em 1492, por pensar que teria encontrado uma nova rota para as índias. Entendemos que esse segmento da sociedade integra civilizações primeiras que habitavam o território antes da invasão de civilizações do velho mundo (Europa, Oriente Médio e Ásia) para colonizar e explorar os territórios em causa.

Quanto ao estado civil dos participantes, n=586, 66,5% são solteiros; n=177 são casados/as, 20,1%; n=78 vivem em união estável 8,9%. N=36, 4,1% são divorciados e n=4, 0,5% são viúvos

RESULTADO E DISCUSSÃO



Analisando a base de dados quantitativos e qualitativos obtidos até essa fase da investigação nos deparamos com diferentes perspectiva e visões sobre o processo histórico que determinou em grande medida as condições atuais de inserção socioeconômica das sociedades participantes da iniciativa de investigação.

No que se refere ao conhecimento de quantas culturas originárias existem em seus territórios atuais 56,8% dos participantes informaram que sim e 43,2% informaram que não. O que demonstra em grande medida desconhecimento da existência de culturas ancestrais que contribuíram para a formação cultural da sociedade atual ondem vivem.

Do ponto de vista da educação escolar formal, as respostas à pergunta sobre o ensino das culturas dos povos originários nas escolas, 40,4% informaram que sim são ensinadas, 58,9% informaram que não e 20,1% responderam que em parte.

As informações aportadas demonstram que 79,60% dos universitários que integram a investigação entendem que as culturas originárias não são suficientemente ensinadas nas escolas.

O que de fato impacta sobre a identidade e autoestima nacional e cultural. Podendo ser impacto positivo para os integrantes dos povos colonizadores e negativamente para os povos colonizados.

Tabela 1. As civilizações que tiveram seu território colonizado, na sua percepção, na atualidade, possuem representatividade social, inserção socioeconômica favoráveis, tendo sua cultura valorizada como uma importante contribuição para a família humana? Universitários 2019

Resposta	F	%	% Val.	% Acum.
Não	393	39,1	44,6	44,6
Em parte	358	35,7	40,6	85,2
Sim	130	12,9	14,8	100,0
Total	881	87,7	100,0	

Fonte: Base de dados, LAPESAM/UFAM/CNPq, 2019.



No que se refere às representações sobre percepção dos povos colonizados associadas à representatividade social, inserção social e valorização pela família humana, 44,6% dos participantes entendem que não, 40,6% entendem que em parte e 14,8% entendem que sim (Tabela 1).

As informações aportam que somente 14,8% dos participantes entendem que há valorização das culturas das civilizações originárias no sistema escolar. O que remete para a necessidade de analisar o impacto desse processo de silenciar e ocultar a existência das culturas originárias sobre a identidade e autoestima dos descendentes desses povos no conjunto da sociedade. E, por outro lado refletir que motivação oculta revela esse currículo em curso.

Em seguida apresentamos informações associadas a representações dos participantes acerca da valorização social das culturas dos povos originários e sua inserção no currículo escolar das escolas de seus países.

Quadro 1: Na sua percepção, as civilizações que tiveram seu território colonizado na atualidade, possuem representatividade social, inserção sócio econômica favoráveis, tendo sua cultura valorizada como uma importante contribuição para a família humana? Universitários, 2019.

Brasil	Femenino	53	Organizam movimentos para assegurar respeito a seus direitos.
Moçambique	Masculino	55	Alguns valores culturais do colonizador subsistem como instrumentos de trabalho actualmente: a língua e' usada como oficial nas actividades do estado e em algumas interações sociais.
Brasil	Femenino	48	No Brasil penso que não, pois a Educação não é prioridade.
Moçambique	Masculino	50	A língua para a comunicação permite aumentar a cultura
Brasil	Femenino	48	Nova era Bolsonaro - retrocesso total - massacre aos indígenas no Brasil
Brasil	Masculino	49	Os nativos não têm seus direitos respeitados como deveriam. O estado não consegue protegê-los de modo a terem uma vida digna e tranquila.
Brasil	Feminino	49	Não, veja o nosso país como exemplo de país colonizado, com muitas desigualdades sociais, econômica e culturais.
Brasil	Masculino	51	Ao contrário, estão sendo excluídos e seus territórios invadidos
Brasil	Masculino	58	Obviamente que os países colonizados na



			atualidade são apenas regiões de usufruto do colonizador
Brasil	Feminino	53	Historicamente, a colonização anula a identidade dos povos nativos, isso cria uma crise de identidade e em nada contribui para valorização cultural da família humana.

Fonte: Base dados LAPESAM/UFAM/CNPq, 2019.

Quadro 2: Las civilizaciones originarias en su territorio colonizado, en su percepción, en la actualidad poseen una inserción socioeconómica favorable, teniendo su cultura valorada como una importante contribución a la familia humana? – Representações universitários, 2019

España	Masculino	25	Tienen un aspecto social propio, pero con respecto al nivel socioeconómico veo más bien, una población con pocos recursos en su mayoría.
España	Femenino	20	La colonización dañó en gran parte la cultura originaria de los territorios conquistados. Sin embargo, puede que existan comunidades que favorecieron la supervivencia de su cultura y por tanto su valor.
Bolivia	Femenino	23	Aunque han logrado cierta visualización política y social, aun hace falta una verdadera inclusión en los distintos ámbitos de la vida de estos pueblos.
Bolivia	Masculino	69	Siempre han explotado al pueblo, desde la conquista.
México	Femenino	49	Los platillos así como ropas, artesanías, música, arte y cultura Pre-hispánicos y los que son resultado del mestizaje tienen valor en todos los sentidos en México y en el resto del mundo.
México	Masculino	35	Contamos con identidad propia como país, con nuestras propias costumbres y estilos culturales propios.
México	Masculino	48	Existe una gran desigualdad y discriminación.
México	Femenino	22	Muchas veces la gente olvida sus raíces y su patrimonio cultural
México	Femenino	24	Aquí ya existía un sistema "económico", se vio alterado por las ambiciones españolas.
México	Femenino	57	En la comunidad en la que vivo se hacen intentos por reconocer a los pueblos originarios, pero muchas veces solo es por la cuestión del momento político, en la cotidianidad son olvidados y a veces discriminados



México	Masculino	41	En México las etnias son excluidas
México	Masculino	41	principalmente las que se apegan a su religión
México	Femenino	53	En Hidalgo hay pueblos indígenas que son respetados y apoyados.
México	Femenino	47	Aunque hace falta más apoyo para que no se pierdan las culturas precolombinas, o las raíces que aún quedan
México	Femenino	19	Piensen en el ejemplo de pagar 50-80 pesos por un café Starbucks, pero regatearle a la marchanta que todos los días va al nixtamal, hace la masa, los antojitos y los vende en el mercado o en la calle.
México	Masculino	53	Debido a la exclusión social, hay pocas o nulas oportunidades de progresar.
México	Masculino	33	Las personas no valoran las raíces, ni las costumbres, ni el idioma, ni los productos de la comunidad originaria de México
México	Femenino	36	NO CREO QUE SEA VALORADA
México	Masculino	18	Claro que no, sólo importa su cultura como patrimonio inmaterial.
Venezuela	Femenino	35	solo en el ámbito turístico
México	Femenino	20	Al gobierno no le importa realmente incluir a los grupos etnicos nativos a la sociedad en general por vergüenza seguramente. Son racistas y temen que otros países los comparen con ellos como si fuera algo malo.
México	Femenino	31	Las comunidades indígenas son las más segregadas y discriminadas en el país. Sufren de todo tipo de abusos y violencia, su nivel socioeconómico es el más bajo, viven en condiciones a veces deplorables y nadie se preocupa por eso.
México	Masculino	24	Actualmente se ofrecen mucho mas oportunidad en algunas comunidades indígenas y en otras se recalca la importancia de preservar y respetar las culturas indígenas ya que forman parte de la historia y patrimonio del país.
México	Femenino	53	Me parece que es más demagogia que verdad lo que se dice o hace por los originarios
México	Femenino	40	Todavía hay grupos étnicos apartados de los beneficios de la actualidad, con pobreza extrema.
México	Femenino	40	No porque hay muchos grupos étnicos en situación de pobreza extrema donde la civilización no ha llegado.
México	Femenino	45	No poseen una inserción socio-económica favorable por que no son remunerados y reconocidos sus esfuerzos, no tiene el mismo



			valor un médico que un chamán, o un artesano que un maquilador. Y en cuanto a la contribución del valor a la cultura de una vida familiar, definitivamente sus valores son mucho más altos, el valor de la familia pesa mucho más en los pueblos originarios porque es la manera en la que han podido permanecer, han podido transmitir de generación a generación sus conocimientos, sus principios y valores.
México	Femenino	33	Las políticas económicas desfavorecen la competitividad de la microeconomía, aunque la frontera sea libre la capacidad de competir es desfavorable.
México	Femenino	33	Se llama de forma despectiva a las personas que visten sus atuendos originales y hablan su lenguaje.
México	Femenino	47	No, Aún son marginados
México	Femenino	47	No le entendí a la pregunta concretamente
México	Femenino	53	Viven en la marginación.
México	Masculino	24	tienen resentimiento a los colonizadores y desprecio a las culturas indígenas, reniegan de su condición mestiza
México	Femenino	24	Los grupos indígenas de mi país son discriminados y viven en zonas marginadas, su trabajo es mal pagado y poco valorado
México	Femenino	25	En México se valora más lo que viene de fuera y se desprecia más lo que es originario y muchas veces el sustento económico para esas personas quizá es el extranjero pues aquí no se aprecia su trabajo
México	Masculino	46	No porque al final somos tercermundistas y solo algunos sobresalen.
México	Femenino	52	ALGUNAS SOCIEDADES LO TIENEN (LAS MENOS)
México	Femenino	36	Son totalmente marginadas en todos los sentidos. Sólo mencionadas para mantener buena apariencias ante la comunidad nacional y mundial.
México	Masculino	22	Considero que en México está surgiendo un nuevo nacionalismo que incluye los símbolos indígenas, pero no mejora el nivel de vida de ellos solo que sus costumbres se están difundiendo más.
México	Femenino	50	Sólo parte de algunos grupos minoritarios.
México	Femenino	29	En la mayoría de los casos son confinados a condiciones de pobreza extrema o casi esclavitud
México	Femenino	26	considero que países como el mío tienen una riqueza cultural enorme que ni siquiera la



México	Femenino	21	colonización le pudo quitar
México	Femenino	32	No se presentan las mismas condiciones
	Femenino	27	Solo hay que ver la explotación minera
México	Femenino	45	Son un poco marginadas
			No son valorados pues hasta hace pocos años se consideraba que las etnias como minorías no tenían representación, hoy día se pretende respetar y rescatar su cultura
México	Masculino	53	Las etnias originarias son despreciadas.
México	Femenino	22	Hay regiones donde conservan gran parte la cultura antes de ser colonizadas y son respetadas, pero actualmente siento que están desapareciendo.
Venezuela	Femenino	24	Muchas veces estas civilizaciones son realzadas en cuanto a fechas patrias que le conmemoren y se les han dado inclusión al nuevo mundo, para el establecimiento de su cultura como importante y representativa del país. Sin embargo, también en ciertas circunstancias has quitado merito a estas civilizaciones.
México	Femenino	22	Son las más vulnerables y discriminadas y son las de situación socioeconómica mas baja.
México	Femenino	22	En México se suele desplazar e invisibilizar a las comunidades indígenas.
México	Masculino	21	No se determina solo porque un país haya sido colonizado o no
México	Femenino	23	es discriminada la cultura y no se le respeta su trabajo ni menos su cultura
México	Femenino	20	Aún hay mucha pobreza
Rep. Dominicana	Femenino	36	Muy favorable
Rep. Dominicana	Masculino	24	No porque quienes pueden no hacen nada para mejorar la calidad de vida no solo de los estudiantes sino de muchas personas desempleadas.
México	Femenino	21	No, ya que al ser colonizadas sus principales recursos se van para el país colonizado.

Fonte: Base dados LAPESAM/UFAM/CNPq, 2019.



Quadro 3: Representações universitários “. Se existem, suas histórias são estudadas nas escolas oficiais e são conhecidas socialmente pela maioria da população? – 2019.

Brasil	Femenino	53	A cosmovisão dos povos originários do Brasil e de toda a terra é sufocada e silenciada pelos colonizadores.
Moçambique	Masculino	55	Algumas histórias locais são estudadas: por exemplo a história das chefaturas locais que se opuseram da dominação colonial.
Brasil	Femenino	48	A cultura indígena ainda sofre um preconceito por parte da sociedade.
Moçambique	Masculino	50	Muita coisa é ocultada.
Moçambique	Masculino	33	Sim a nossa História é contada e estudada e conhecida socialmente, (há conservadorismo da nossa cultura).
Brasil	Feminino	49	Porque os estudantes estudam na escola da educação básica no país a cultura indígena na semana do índio e a cultura afrodescendente na semana da consciência negra.
Brasil	Masculino	35	Não sei opinar sobre essa pergunta.
Brasil	Masculino	51	Muito pouco nos livros didáticos e alguns estudos em pesquisas acadêmicas
Portugal	Feminino	32	Os Lusitanos e Viriato ainda são heróis nacionais que lutaram contra os invasores romanos.

Fonte: Base dados LAPESAM/UFAM/CNPq, 2019.

Da análise das representações dos participantes que responderam à questão aberta associada à percepção de que as culturas originárias de seus territórios são valorizadas constatamos uma diversidade de paradigmas. Alguns conformados outros decepcionados (Quadros 1, 2 e 3) e críticos. Alguns sem nenhuma opinião sobre o impacto fenômeno histórico do processo político e ideológico e econômica da colonização sobre a sobrevivência das culturas e bem estar das sociedades impactadas tanto do ponto de vista das sociedades colonizadas como das colonizadoras. As sociedades colonizadas ostentam indicadores de bem estar desfavoráveis ao bem estar de seus habitantes. Por outro lado, as sociedades colonizadoras, pelo processo histórico de séculos de acumulação, apresentam melhores indicadores gerais de bem estar social e inserção socioeconômica em comparação com as sociedades e povos colonizados seja por 300-400 ou 500 anos como os países do continente africano que integram a amostragem.



Por exemplo no Quadro 3, participante do Brasil, sexo feminino, 53 anos registra: “A cosmovisão dos povos originários do Brasil e de toda a terra é sufocada e silenciada pelos colonizadores”. No mesmo quadro, participante de Moçambique sexo masculino 55 anos “Algumas histórias locais são estudadas: por exemplo a história das chefaturas locais que se opuseram da dominação colonial” e uma participante de Portugal, 32 anos do sexo feminino “Os Lusitanos e Viriato ainda são heróis nacionais que lutaram contra os invasores romano” Complexa a dialética das histórias dos povos. Portugueses colonizadores no século XV foram colonizados pelos Romanos anteriormente. (; MASCARENHAS, 2019).

Nossas consciências, como seres humanos estão despertando da amnésia. Aos poucos reestabelecemos a unidade na diversidade partindo do acesso a nossas origens milenárias gravadas em nosso DNA cultural e civilizacional.

Que lhes parece? Que cada pessoa com a evolução de sua consciência se liberte das garras do imperialismo, racismo, colonialismo e divisão em classes. Estruturas políticas que lhes foram impostas historicamente com vistas à escravização, opressão e padronização, violando sua essência humana única, irrepitível e de valor imensurável sem a qual não somos humanos, perdemos nossa humanidade. Processo que pode degradar sua identidade e autoestima.

Que cada ser humano, assuma sua identidade única, irrepitível, livre, soberana, criativa e poderosa. Que com sua força individual e coletiva se liberte das correntes imperialistas, colonialistas, racistas e classistas que tentam cercear sua liberdade, dignidade, soberania e poder individual. Que cada ser humano decida viver em seu território tradicional ou onde lhe aprouver no Planeta Terra, com sua cultura milenar e realize seu plano individual em colaboração com a coletividade humana no sentido local e planetário.

CONCLUSÃO

Historicamente, ao longo de milênios diversas civilizações coexistiram no Planeta Terra favorecendo o atual avanço científico, cultura e tecnológico do conjunto da humanidade direta ou indiretamente. A investigação demonstra representações de universitários que não encontram nos currículos escolares e na



sociedade em geral a necessária valorização e integração das culturas. O que se constitui em um desafio para o bem estar, a identidade e o bem comum.

Há a necessidade de fortalecer a representação e identidade de igualdade em dignidade entre as culturas. O respeito ao ambiente em geral é responsabilidade coletiva e individual. Atualmente, todos/as nós, seus descendentes, habitamos nessa casa de todos/as, de onde por direito podemos dispor de modo racional dos recursos necessários para a vida e o bem comum com igualdade, soberania e liberdade. Que os currículos da educação escolar em geral (da educação infantil ao ensino superior e profissional) e os diferentes processos e sistemas de educação informal sejam justos e verdadeiros cessando o crime de lesa humanidade que é negar o valor, dignidade e importância do conjunto das civilizações para o progresso da humanidade e bem comum.

Com a continuidade da investigação certamente teremos novos aportes para esse domínio científico das ciências humanas e sociais favorecendo informações cientificamente sistematizadas para a construção de novas políticas públicas para valorização da cultura humana em sentido amplo.

REFERÊNCIAS

BALLESTRIN, Luciana. **A América Latina e o giro decolonial**. Revista Brasileira de Ciência Política, nº11. Brasília, maio - agosto de 2013, pp. 89-117.

CASANOVA-GONZÁLES, Pablo. **De la sociología del poder a la sociología de la explotación : pensar América Latina en el siglo XXI** / Siglo XXI Editores ; Buenos Aires : CLACSO ; 2015.

CASTRO. Josefina Granja. El pensar sistémico. **Metapolítica**, Volumen 5, octubre/diciembre, 2001, pág. 90-115. ISSN 1405-4558.

FANON, Franz . **Os condenados da terra**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2010.

GROSGUÉL, Ramón. Del “extractivismo económico” al “extractivismo epistémico” y al “extractivismo ontológico”: una forma destructiva de conocer, ser y estar en el mundo. **Tabula Rasa**. Bogotá – Colombia, No. 24, 123-143-, Enero-junio, 2016. ISSN 1794-2489.

LEÓN-PORTILLA, Miguel. **Visión de los vencidos relaciones indígenas de la conquista**, 28ª edición, Universidad Nacional Autónoma de México, ciudad de México, DF, 2006.



MASCARENHAS, S. A. DO N. **Avaliação longitudinal de variáveis cognitivas e contextuais do ensino superior analisando seus efeitos sobre o bem estar e o rendimento acadêmico**, Base de dados, Brasil/México, PROCAD/AMAZÔNIA-PPGEUFAM/UFPA/UFMT, Processo CAPES 8881.314288/2019-0, Não publicado, 2019

OBREGON, Luis González. **Proceso inquisitorial del cacique de tetzoco**. Congreso internacional de Americanistas, A.C/Lito Nueva época, México, DF, 2009.
RODNEY, Walter, **Como Europa subdesarrollo a África**, Editorial de ciencias sociales, Ciudad de La Habana, 1981.

SEN. Amartya. **Desenvolvimento como liberdade**, São Paulo, Companhia das Letras, 2010.

TRUEBA. César Carrillo. **El racismo en México. Una visión sintética**. Ciudad de México: EDIMPRO, S.A, 2009.

VILLEGAS, Daniel Cosiό; BERNAL, Ignacio; TOSCANO, Alejandra Moreno; GONZÁLEZ, Luis; BLAQUEL, Eduardo Y MEYER, Lorenzo. **Historia mínima de México**, 2ª edición, 17ª reimpressão, El colegio de México, Ciudad de México, DF, 2019.

Agradecimentos:

CAPES/MEC/Brasil/Programa PROCAD/AMAZONIA, CAPES (ref.8881.314288/2019-0); Às universidades que colaboram com a investigação, aos investigadores colaboradores; Aos estudantes, docentes e técnicos que integram a amostragem.